

Escritoras e resistência às ditaduras militares no Cone Sul (1960 -1990)

Ana Brancher, UFSC
brancher@mbox1.ufsc.br

Assim que ocorreram os golpes de Estado que instalaram ditaduras militares no Cone Sul, os governantes trataram de eliminar aqueles que se manifestaram contrários: foram proibições, censuras, prisões, torturas, desaparecimentos, mortes, exílios¹. Sindicalistas, estudantes, artistas, professores, jornalistas, operários, livreiros, políticos, às vezes simplesmente parentes, amigos, vizinhos ou meros conhecidos de trabalhadores em geral que se envolveram na resistência aos novos regimes políticos, tiveram casas invadidas e depredadas, atividades proibidas, intimidades devastadas. Os escritores foram uma categoria duramente atingida.

Este trabalho tem um recorte bem definido: considerar apenas as escritoras que sofreram reveses em decorrência das ditaduras militares. Não se trata de analisar o desempenho das escritoras durante o período, porque houve escritoras que não tiveram nenhum tipo de problema com as ditaduras, houve inclusive as que trabalharam a serviço das ditaduras; por outro lado, aquele foi o período do grande reconhecimento internacional das literaturas latinoamericanas, o chamado *boom* literário. Na explosão do romance latinoamericano, as escritoras ocuparam pequeno espaço. Ainda que muitas tenham surgido neste período e outras tantas tiveram publicações traduzidas em várias línguas, algumas inclusive contempladas com importantes prêmios literários, os ‘grandes sucessos’ de vendas foram dos escritores. Nos anos 60 até o ano de 1990, apenas uma escritora do Cone Sul teve grande repercussão internacional: a chilena Isabel Allende (*La casa de los espíritus*, 1982)². Num levantamento inicial de autores que publicaram durante as ditaduras militares, percebe-se que ainda que tenha aumentado o número de escritoras, a maioria continuou sendo de escritores. Analisando os ocupantes da Academia Brasileira de Letras, constatamos que a maioria era homens. Numa rápida análise nos compêndios, nos catálogos das editoras, nas coletâneas e antologias (exceto obviamente quando a mesma pretendia reunir escritoras), nas listas de ‘maiores escritores’ do século, podemos constatar que a maior parte dos autores era masculina. Eventualmente, uma que outra escritora foi destacada. Seria interessante, numa pesquisa mais ampla e que extrapola os limites deste trabalho, um levantamento nos suplementos literários de três ou quatro jornais de

¹ Sempre é importante lembrar os períodos das ditaduras: Argentina: 1976 – 1982; Bolívia: 1971 – 1982; Brasil: 1964-1985; Chile: 1973 – 1989; Paraguai: 1954 – 1989; Uruguai: 1973 a 1984.

² Ressalto que analiso apenas para o Cone Sul e entre 1960/1990; em termos de América Latina, temos Angeles Mastretta (México, com *Arrácame la vida*, 1986), Laura Esquivel (México, *Como água para chocolate*, 1989); há ainda Marcela Serrano (Chile, *Nosotras que nos queremos tanto*, 1991).

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

maior circulação bem como nas dissertações e teses universitárias que trabalhem com literatura, para estabelecermos um balanço quantitativo entre escritoras e escritores nos anos 60 a 90. Evidentemente, não quer dizer que não tenha havido excelentes escritoras, mas houve um certo deslocamento, se podemos chamar assim, nas relações de gênero no campo dos autores de ficção.

Nos livros publicados pelas escritoras dentro do recorte estabelecido, percebemos, entre outras questões, as estratégias desenvolvidas para resistir às ditaduras; a maneira como as torturas, repressões, prisões, desaparecimentos, marcaram a vida de várias pessoas; registra-se a denúncia sim, dos barbarismos cometidos pelos agentes dos governos; percebe-se inclusive como a relação homem mulher interferiu entre os próprios atingidos pela repressão; por seu lado, há páginas verdadeiramente preciosas na arte da ficção, com propostas inovadoras na linguagem.

Ao investigar o diálogo entre gênero, identidade e literatura a partir dos romances de algumas escritoras, Marcia Hope Navarro considera que eles possibilitam “penetrar na dimensão oposta do olhar hegemônico, ou seja, parece que sua ficção aprendeu a dialogar e a, efetivamente, tentar diminuir as assimetrias de poder nas relações entre os gêneros”, romances que questionam ou evidenciam uma História marcada “pelo privilégio de um gênero [masculino], pela exclusão de raças [sic] que não fossem a branca, e pelo desprezo das classes sociais mais baixas”; desse modo, percebe a autora, através dos romances analisados é possível “romper a visão unilateral das práticas discursivas e hegemônicas, permitindo às categorias marginalizadas latino-americanas encontrarem sua própria identidade”³.

Evidentemente, e ainda dado os limites desta comunicação, não procedo a um completo levantamento de escritoras e obras prejudicadas pelas ditaduras. Escolhi uma autora de cada país do Cone Sul de modo que me permitisse uma amostragem das problemáticas que procuro evidenciar: as diferentes compreensões destas escritoras sobre a questão do feminismo (que justamente se consolida como tal naquele período) ou do ser mulher e escritora, e como as ditaduras interferiram nas suas obras. Muitas optaram ou foram obrigadas a partir para o exílio (o que acabou sendo enriquecedor, pois, entre outras circunstâncias, mantiveram contato com as teorias feministas que estavam a pleno vapor na Europa e USA)⁴; outras publicam gêneros literários, como romances policiais, de modo a não serem molestadas pelos governos; algumas escreviam e passavam cópias (manuscritas) ou mantinham seus textos inéditos muitos dos quais foram publicados após o fim das ditaduras; houve ainda umas poucas escritoras que, tendo já consolidada carreira, seguiram escrevendo, publicando e mesmo fazendo consistente enfrentamento aos governos militares não foram diretamente atingidas pela repressão.

3 NAVARRO, M. H. Gênero e História na Literatura Latino-Americana in CAVALCANTI, I.;LIMA, A.C.A.: SCHNEIDER, L. (Org.). **Da Mulher às Mulheres**: dialogando sobre Literatura, Gênero e Identidades. Maceió: EdUFAL, 2006.

⁴ Em outro artigo analiso algumas escritoras exiladas.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

Começemos, porque de alguma maneira há que começar, pelo A de Argentina. Naquele país o terrorismo de Estado amordaçou boa parte da produção literária; além das proibições diretas de publicações, às vezes por decreto presidencial, houve queima de livros, fechamento de quiosques e livrarias com ameaças e prisões de seus proprietários. Parte das escritoras optou por sair da Argentina o que caracterizou toda uma literatura produzida no exílio. Entre as que permaneceram, e por ser membro do Partido Revolucionário dos Trabalhadores, em Rosário, encontramos a escritora Alicia Kozameh; ela ficou presa de setembro de 1975 a dezembro de 1979 quando foi libertada sob condicional; pouco depois partiu para o exílio. Na prisão, ela escreveu e viveu parte do que viria a ser matéria de seus futuros livros⁵ e que se reflete nas obras posteriormente publicadas:

Estuve haciendo serios esfuerzos por recordar algunos episodios. No hubo caso. Es como si se me instalara una sábana entre los ojos y el cerebro. La razón de la desmemoria está ahí: en los colores, las formas, la mayor o menor nitidez, los ritmos. La capacidad letal de los acontecimientos⁶.

Sobre seus cadernos escritos na prisão, Alicia Kozameh diz “*Mis dos cuadernos escritos en la cárcel son algo de lo que jamás he podido desprenderme. Ni siquiera lo habría intentado. Como, digamos, con un órgano del cuerpo.*”⁷ Percebemos também as marcas que a prisão deixou em sua vida:

Después de haber pasado por situaciones particularmente difíciles, y siendo que me es imposible evitar las marcas, profundas, cuando llega el momento de sentarme a escribir, opto por obviar el testimonio directo. Logro a través de la ficción la mediatización, la distancia, que me permite escribir sobre el tema. O sea: o no escribo sobre el tema, o lo llevo a la ficción⁸.

Na Bolívia, Gaby Vallejo Canedo publicou *Los Vulnerables* (1973), *Hijo de Opa* (1976) em plena ditadura. Segundo suas palavras, os livros nasceram “*del dolor y del miedo de un país en dictadura. Fue la rabia el principal motor de la escritura. Había muchos muertos, muchos torturados. De ahí la violencia, la fuerza, el horror de las páginas.*”⁹ Na mesma entrevista, a autora evidencia a relação homem/mulher bem como a questão de uma escritura feminina:

García: Uno de los temas recurrentes en tus obras es el machismo ¿Piensas que es un problema fuerte en Bolívia?

Vallejo: No sólo fuerte, sino difícil de desestructurar. Las mujeres, muchas, hemos asumido con fuerza una nueva situación. Sabemos que es “nuestro tiempo” y que estamos “recuperando el espacio que la humanidad nos debe”, pero los hombres de

⁵ BOLOGNESE, Chiara. Palabras desde la cárcel: los cuadernos inéditos de Alicia Kozameh In <<http://www.mshs.univ-poitiers.fr/crla/contenidos/ALICIA%20KOZAMEH/Presentation/Presentacion1.html>>.

⁶ KOZAMEH, Alicia. *Pasos bajo el agua*, Buenos Aires: Contrapunto 1987.

⁷ <<http://www.mshs.univ-poitiers.fr/crla/contenidos/ALICIA%20KOZAMEH/Presentation/Presentacion.html>>.

⁸ Idem.

⁹ Entrevista In: <http://www.utpa.edu/dept/modlang/grafemas/diciembre_07/garcia.html>.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

mi país no leen teorías, ensayos, novelas, que desarrollen los temas. Existe un sistemático rechazo a todo lo que tenga que ver con “feminismo” o libros escritos por mujeres. Entonces siguen siendo una muralla. Esa mitad del mundo que necesitamos, no cambia. El cambio es leve. Sin embargo existimos, algunas ocupamos nuestro sitio, ejercemos nuestros derechos.

García: ¿Piensas que existe una diferencia entre escritura femenina y masculina?

Vallejo: Sí. Existe. Si bien en lo esencial, somos seres humanos con las mismas potencialidades, y experiencia vitales, históricamente somos construcciones sociales, ideológicas acaecidas en el tiempo, en miles de años. Nos han enseñado a ser mujeres, a ser hombres. Eso implica centenares de comportamientos, decisiones, elecciones desde “la mujer” o desde el “hombre”. Entonces, escribir es transferir esas diferencias al texto¹⁰.

Em *Hijo de Opa*¹¹ Martin é filho de uma camponesa indígena ‘mentalmente perturbada’ (*opa*, em espanhol) violentada por um fazendeiro; obrigados a deixar o campo vão residir na cidade onde sofrem toda sorte sorte de desventuras. Ao mesmo tempo em que retrata a família fragmentada pela violentação da mulher e expulsa da terra que lhe proporciona o alimento, o romance pode ser visto como metáfora do país, fraturado pela violência de governos ditatoriais cujos membros são parte de uma elite econômica branca e corrupta.

Ainda que geralmente lembrada como deputada e militante, Heloneida Studart (1932 – 2007) escreveu *O Pardal é um pássaro azul* (1975) durante a ditadura militar no Brasil. Ela foi eleita, em 1966, presidente do Sindicato das Entidades Culturais; foi presa em 1969 por fazer oposição à ditadura, foi fichada, perdeu emprego; foi também uma das fundadoras da primeira entidade feminista do Brasil, o Centro da Mulher Brasileira em 1975, e do Centro Estadual dos Direitos da Mulher. Em *O Pardal é um pássaro azul*¹², parte do que a autora denominava “trilogia da tortura” com os livros *O torturador em romaria* e *O estandarte da agonia*, acompanhamos a trajetória e as vicissitudes de João e Marina, membros quase desgarrados de uma família rica da Paraíba. Percebemos a sutileza da autora para burlar a censura em passagens como: “- Que é que você está lendo? Perguntou [a mãe]. - Ah, é uma história aí de estripador... Tem brumas, gerânios, ferro de lareira, mordomos. Nada a ver conosco.” Ou ainda “- Por que você está chorando, moça? [pergunta uma criança à Marina]. Eu estou chorando? Ultimamente as lágrimas me descem pelo rosto e não as sinto mais.” João fora preso por pichar nos muros da cidade “O pardal é um pássaro azul.” Ele vivia mostrando a Marina o que era a penúria, exposta pelas ruas da cidade, e vivia também falando de um certo “pesadelo unânime” que invadia vários países da América Latina, mas que Marina não apreendia muito bem; ela fora criada no mundo da avó que repetia sempre: “Mulher não tem querer. Nem negro, nem pobre”.

¹⁰ Ídem.

¹¹ VALLEJO DE BOLIVAR., Gaby. **Hijo de Opa**, La Paz: Editorial Los Amigos Del Libro, 1977.

¹² STUDART, Heloneida. **O pardal é um pássaro azul**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

No Chile, o golpe militar significou uma derrota para toda a esquerda latinoamericana; desde os anos 60 o país vivia um período político e cultural que atraiu e acolheu centenas de pessoas de todos os países do continente. A brutalidade instantânea do golpe (invasão com avião e bombas em Santiago, milhares de mortos, presos, desaparecidos, exilados) ceifou uma geração inteira de artistas. A escritora chilena Damiela Eltit retrata esta brutalidade em *Lumpérica*, um livro que transita entre o ensaio, a poesia, o romance, as artes plásticas.¹³ A ação se dá numa praça:

esta plaza está rodada llena de pasto a pedazos. Mis piernas ya no brillan cuando las froto, ni los vellos se erizan, estos vellos que cubren sutilmente mis piernas. Ya no me gusta arrastrarme por allí debajo del farol que me contagia su descascar. Porque mis piernas más bien se cubren de tierra y entonces no noto la erguida de los vellos que me traspasan, ha sí, me penetran¹⁴.

Como já está expresso no próprio título, os personagens são os *lumpens* chilenos, os excluídos, marginalizados, bêbados/desempregados, prostitutas, também os perseguidos pela ditadura, que, todavia são trazidos ao centro da praça/país. O livro está visceralmente comprometido contra da ditadura militar chilena. Sobre uma escrita feminina, a autora acentua a contradição desta condição :

Ante la trampa que se ha creado de partir la literatura en dos, la verdadera y la femenina, y a la vez generar subgrupos como la literatura gay, la literatura mapuche, ¿cree que de algún modo los mismos grupos han sido cómplices al aceptar el enfoque de minoría?

- Es un problema bien complejo; por una parte nadie podría discutir que hay un sistema dominante que ha funcionado históricamente de una manera y va a seguir funcionando. Y en este sistema la pluralidad es muy monolítica, así como la posibilidad de ingresar a él, en ese sentido me parecen interesantes estos movimientos sociales por las diferencias para reclamar espacios. Efectivamente, estas minorías se han organizado social y políticamente y han conseguido ganar ciertos espacios, todavía de manera muy asimétrica, tal vez en cierto sentido puede ser hasta fugaz porque la sociedad no es desarrollista y un espacio ganado luego puede ser espacio perdido; la historia tiene fuerte reversión. En ese sentido me parece interesante, pero el punto también es un arma de doble filo porque la segmentación de lo literario es muy útil para la segmentación de los mercados; entonces la pregunta que no dejo de hacerme es si acaso no se ha creado una serie de ghettos: el ghetto mujer, el ghetto gay, y en el fondo los ejes literarios se mantienen incólumes, siguen siendo totalmente históricos, manejados por las mismas fuerzas¹⁵.

¹³ Quando a autora começou a escrever a obra, em 1979, fazia parte de um grupo de artistas – CADA, Colectivo Acciones de Arte e do Escena Avanzada, com intervenções artísticas, discussões, sempre enfrentando e tentando burlar a repressão e a censura . cf VIDAL, Paloma. “...continuamos ainda nesta viagem oscura e secreta’: memória e resistência na narrativa de Diamela Eltit” In **ipotes e- revista de estudos literários** <<http://www.revistaipotesi.ufjf.br/volumes/18/cap04.pdf>>.

¹⁴ ELTIT, Damiela. **Lumpérica**. [1983] Santiago de Chile: Seix Barral, 1998.

Ver também <<http://www.letras.s5.com/Eltit2.htm>>.

¹⁵ <http://www.nuestro.cl/notas/perfiles/diamela_eltit6.htm>.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

A cena literária no Paraguai foi muito peculiar até o fim da ditadura, em 1989; qualquer literatura que insinuasse o menor tom ‘político’ não tinha espaço diante do rígido e mais longo governo ditatorial do Cone Sul. Mesmo os escritores paraguaios estavam marcadamente divididos entre os que viviam/escreviam no exílio e os que ficaram no país, sob controle absoluto. Em decorrência das políticas públicas, havia poucos leitores, poucas editoras, poucas publicações, poucas universidades e escolas. Somado a esse cenário em maior ou menor escala comum aos demais países, acresce que no Paraguai a maior parte da população fala guarani e as manifestações literárias nesta língua foram sistematicamente reprimidas¹⁶. Além do mais, segundo os estudiosos da literatura paraguaia, a sociedade paraguaia era “*rigidamente establecida y cerrada para la mujer*”¹⁷.

De modo que naquele período, as escritoras publicaram apenas o que lhes foi permitido pela censura¹⁸ e foi somente após o fim da ditadura que as escritoras começaram efetivamente a distinguir-se. Já no fim da ditadura, Renée Ferrer publicou em 1988, seu primeiro romance *Los nudos del silencio*¹⁹. O livro aborda mais a questão da mulher, a opressão vivida pelas mulheres, ainda que o personagem masculino carregue as marcas da repressão: ele é um funcionário do governo que exerce também o papel de torturador.

A escritora Teresa Porzecanski já havia publicado alguns livros antes da ditadura se instalar no Uruguai, em 1973. Nos treze anos de governo militar, publicou apenas três livros, um dos quais o livro de contos *Construcciones*²⁰; as tramas envolvem os cotidianos de personagens como costureiras, conversas entre vizinhas de bairro, empregadas domésticas; nas palavras da autora, seus personagens são “*discretamente disgraciados y ocasionalmente eufóricos*”. Em entrevista, ela considera que a ditadura

Influyó bastante porque yo estaba en un momento de descubrir un estilo de escritura y no se podían hacer reuniones culturales, uno trabajaba solo. Entonces fue que empecé a problematizar el tema del lenguaje. No quería escribir consignas, quería escribir una literatura más compleja. Todo lo que está en *Construcciones* fue escrito durante la dictadura o en los años un poco anteriores. Son cuentos sumamente simbólicos, metafóricos, donde se va gestando toda una forma de escribir. No quiere decir que yo me limite ahora en el año 2000 a ese tipo de escritura, la he ido decantando. Sigue siendo una escritura barroca pero más lenta y más filtrada²¹.

16 BAREIRO-SAGUIER, Rubén. ‘Los intelectuales frente a la dictadura: La represión cultural en Paraguay’ - Nueva Sociedad, n. 35 in: <http://www.nuso.org/upload/articulos/411_1.pdf> Como sempre, há as exceções e no caso são os trabalhos de literatura guarani recolhidos por Curt Nimuendajú – Unkel.

17 ALCALÁ, Guido R., BARCÓ, José V. P. **Narradoras Paraguayas – antología. Las narradoras paraguayas y su evolución histórica** in <<http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/04703885499347239647857/p0000001.htm>> .

18 Faz refletir o fato de que reconhecidas escritoras paraguaias nasceram em outros países: Josefina Pla (Espanha), Noemi Ferrari de Nagy (Itália), Mariela de Adler (Rússia), Teresita Arriola (Argentina).

19 FERRER Renée **Los nudos del silencio**, Asunción: Arandurã, 1992.

20 PORZECANSKI, Teresa. **Construcciones**. Montevideo: Arca, 1979.

21 <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero19/porzecan.html>>

Em outra entrevista, Teresa Porzecanski se refere à sua produção literária do período da seguinte maneira: *“Una sensación de ahogo y de asfixia fue la característica de estas novelas, la impresión de que estábamos en un mundo ‘sin salida’, girando en torno a lo mismo y siempre enclaustrados.”*²² Sobre a questão da mulher no Uruguai, na mesma entrevista a autora considera que, sem cair no perigo de generalizações é possível situar *“a la mujer uruguaya como muy ‘sufrida’, que soporta mucho, y que recién ahora está empezando a despertar en cuando a darse su lugar dentro del matrimonio y la familia. Recién ahora está generando el empuje que le ha estado faltando, para enfrentarse con su propia situación, y realizarse como persona.”*

Com este curto recorrido pelos livros e entrevistas das seis escritoras, podemos apreender as marcas que os governos repressores deixaram. Não foi intenção homogeneizar uma questão tão complexa quanto a relação da escritora com uma literatura feminina ou com o feminismo na época; também não se pode uniformizar realidades tão cruéis e por vezes tão específicas a cada uma das ditaduras militares nos distintos países do Cone Sul. Por certo a temática contempla amplos aspectos como a questão da atuação político partidária das escritoras, a questão econômica, a questão midiática, a questão de leitores, etc e etc. Entretecemos apenas um fio (o literário) no amplo tecido da sociedade latinoamericana. A profissão de escritora contempla, por definição, o exercício da palavra. Ainda que em nossos países do Cone Sul, no período em estudo, a prática de leitura tenha sido restrita a restritas parcelas da população e para conferirmos isto basta ver a pequena tiragem das obras literárias particularmente as escritas por mulheres; ainda que os problemas e dilemas vividos pelas pessoas fossem tão terríveis e dolorosos que escrever possa ter tido uma importância menor naqueles dias; ainda que a força da censura e da repressão tenha baixado sobre a palavra e o corpo, ainda assim os romances se constituíram num vigoroso veículo de circulação de idéias e de registro histórico que nos permite tentar compreender essas excrescências – no sentido médico da palavra – que foram as ditaduras militares no Cone Sul.

22 <<http://jai.com.uy/entrevistas/entrevista21.htm>>.